



XXIII SEMINÁRIO QUEIROSIANO

A COMIDA E O VINHO NA OBRA DE EÇA E NO PANORAMA OITOCENTISTA EUROPEU

18 a 22 de Julho de 2022

Introdução e Objectivos

Eça de Queiroz realiza, na sua obra literária, afrescos de grande valor icástico da realidade social portuguesa da segunda metade do século XIX.

Um elemento que caracterizava de maneira exemplar o hiato entre as classes abastadas e as desfavorecidas era, evidentemente, a alimentação. Em primeiro lugar, por uma óbvia questão económica: o proletariado urbano ou rural não tinha a possibilidade, se não esporadicamente, de trazer pratos elaborados para as próprias mesas; nas casas burguesas e aristocráticas, pelo contrário, a presença de tais alimentos não só estava disponível, como que constituía a norma diária. Em segundo lugar, a diferença de hábitos no sector alimentar dava-se pelo *status* social: mesmo nas casas ricas, onde, em teoria, haveria a possibilidade de submeter a mesma dieta a todos os habitantes, os criados consumiam alimentos mais simples em relação aos que eram reservados aos senhores; lembrar-se-á o horror que provava Julien Sorel à ideia de comer com os servos, na casa do prefeito, e a reprimenda que o pai lhe move de ser guloso; nele, ecoa a raiva de Juliana, que, em *O Primo Basílio*, anela a comida da patroa, Luísa. “La table” escreve Balzac em *La cousine Bette*, “est le plus sûr thermomètre de la fortune dans les ménages parisiens.”¹ Efetivamente, nos demais autores realistas e naturalistas europeus aparece o elemento gastronómico qual sinal distintivo social. Assim, em Eça, os sacerdotes de *O Crime do Padre Amaro* gozam duma mesa farta enquanto os pobres de Leiria passam fome, numa contraposição que chama à memória a injustiça representada por Zola, em *Germinal*, nas iguarias comidas pelos donos da mina e na escassez das mesas dos obreiros.

¹ Honoré de Balzac, *Œuvres complètes*, Paris, Houssiaux, 1874, p. 49.

Além disto, os usos e as preferências alimentares caracterizam as personagens queirosianas: a sensual Leopoldina, ainda em *O Primo Basílio*, não sabe resistir ao bacalhau de alhada que o álgido marido lhe nega; nesta perspectiva, ela lembra muito de perto a flaubertiana Emma Bovary, que cobiça o alho, os gelados, as compotas, os xaropes e os licores doces.

Na sociedade portuguesa, aliás, o elemento alimentar e enológico tem uma função simbólica que se torna evidente quando se considerar um produto cultural extremamente significativo, a paremiologia.² Talvez por causa deste grande papel cultural, em Eça a culinária é descrita com maior cuidado em comparação com outros realistas e naturalistas europeus, e com um elemento adicional: o uso literário dos produtos típicos da gastronomia portuguesa. O ingênuo Cruges, em *Os Maias*, constrange-se por ter esquecido as queijadas de Sintra para a pedante mãe; o estrangeirado Fradique Mendes lamenta ironicamente o assado de espeto, já desaparecido das casas portuguesas como as demais velhas tradições, enquanto o infido Teodorico saboreia, às sextas-feiras, o bacalhau da prostituta que frequenta após ter aparentado, com a velha tia, ter comido apenas pão com água. O bacalhau, de resto, é a presença constante na mesa da casa da Misericórdia, em *O Crime do Padre Amaro*, e dos convívios da alta sociedade lisboeta em *Os Maias*, enquanto outra iguaria típica, o arroz, nas suas diversas formas de favas, de forno e doce, marcam a contraposição entre o luxo sem sabor de Paris e a simplicidade genuína portuguesa em *A Cidade e as Serras*.

A escolha de colocar nas mesas de seus personagens os pratos e os vinhos mais ilustres da culinária lusitana caracteriza Eça: o clero ganancioso, a burguesia das intrigas amorosas, a aristocracia antiga e intolerante, a antiquada intelectualidade tardiamente romântica que ele pretende derrotar, são “pratos típicos nacionais” tanto quanto o bacalhau, o arroz doce, os ovos com chouriço, o arroz de forno; tudo isto, acompanhado por um vinho verde ou uma “lágrima” de vinho do Porto, amarga e adocica ao mesmo tempo, como o estilo do autor.

² Vd. Emma De Luca (coord.), *Parla come mangi. Lingua portoghese e cibo in contesto interculturale* (Viterbo, Sette Città, 2015). Temos uma coletânea de provérbios portugueses ligados à alimentação curada por Mariagrazia Russo onde se destaca o famoso “Quando o pobre come galinha, um dos dois está doente” evocado pela célebre frase no romance *A alma dos ricos* de Agustina Bessa-Luís: “Não é preciso ser rico para comer; é preciso ser rico para saborear”. Agustina Bessa-Luís, *A alma dos ricos*, Porto, Guimarães Editores, 2002, pp. 185-186.



Leituras recomendadas

Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro* (1875); *O Primo Basílio* (1878); *Os Maias* (1888); *A Cidade e as Serras* (1901).

Programa: vd. cronograma

Coordenação Científica

Orlando Grossegeesse

Professor associado da Universidade do Minho. Docente (ELACH) / investigador (CEHUM) nas áreas de Literatura e Cultura Alemãs e Comparadas, Tradução e Comunicação Multilingue, bem como nos Estudos Queirosianos, com orientação de mestrados e doutoramentos. Estudou Filologias Românicas e Comunicação Social na Universidade de Munique, doutorando-se em 1989 com uma tese sobre a relação entre conversação e discurso literário na obra queirosiana, publicada sob o título *Konversation und Roman* (Stuttgart: Steiner 1991). (Co)editou diversos volumes e publicou mais de uma centena de estudos nas áreas das Filologias Alemã, Portuguesa e Espanhola, Estudos Comparativos e de Tradução. Desde 2004, é Diretor adjunto da *Queirosiana* (org. das últimas seis edições: 15-17; 18-20; 21/22; 23/24; 25/26; 27/28). Desde 2013 coordena os Seminários Queirosianos. Em 2016, fundou o Centro de Estudos de Tradução (CET-Tormes). Faz parte do Grupo Eça (Brasil).

Professores Convidados

Maria Serena Felici (organizadora temática deste seminário)

Doutora em *Lingue, Letterature e Culture Straniere* pela Università Roma Tre, com tese sobre Eça de Queirós. É autora dos volumes *Alla periferia del progresso. Le correnti politiche ottocentesche in Eça de Queirós e Leopoldo Alas 'Clarín'* (Sette Città, 2019) e *Lusitania. Roma nella letteratura portoghese e brasiliana del Novecento* (Edilazio, 2020), de traduções do português para o italiano e de vários estudos queirosianos. Atualmente, é docente de língua portuguesa e culturas e literaturas lusófonas na Università degli



Studi Internazionali di Roma (UNINT). Faz parte do Grupo Eça (Brasil), do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), do AISPEB (Associazione Italiana Studi Portoghesi e Brasiliani), do Observatório da Língua Portuguesa e de vários outros grupos de investigação e é professora visitante na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Os seus estudos visam aprofundar a língua portuguesa e as literaturas lusófonas dos séculos XIX, XX e XXI.

Mariagrazia Russo

Diretora da Faculdade de Interpretação e Tradução e Professora catedrática de Língua e Tradução Portuguesas na Università degli Studi Internazionali di Roma (UNINT), onde dirige a Cátedra “Vasco da Gama” do Instituto Camões. Formou-se em Roma, onde fez na Universidade “La Sapienza” os estudos académicos até ao Pós-doutoramento em Filologia Românica e Investigação Textual, e em Paris, onde conseguiu na Sorbonne IV o *Diplôme d’Études Approfondies en Etudes Portugaises, Bresiliennes et de l’Afrique Lusophone*. É autora de várias obras nas áreas da literatura, da história e da língua em relação aos países de língua oficial portuguesa: destacam-se os volumes *Um só dorido coração. Implicazioni leopardiane nella cultura letteraria di lingua portoghese* (2003) e *Não morri porque cantei... Quadras inéditas de Sebastião da Gama* (Arrábida, 2003), além de outras monografias. Numerosos os estudos de arquivos e fundos de bibliotecas com documentos inéditos que dizem respeito à historiografia de viagem e diaspórica. Tem uma ampla produção em âmbito queirosiano e é tradutora para a língua italiana de *O Conde de Abranhos*. Os seus estudos tocantes a língua visam aprofundar a linguística missionária, de contato, fronteira e herança, a toponomástica, lexicografia e tradutologia.

Giorgio de Marchis

Professor catedrático de Literatura portuguesa e brasileira no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas Estrangeiras da Universidade Roma Tre, onde coordena a Cátedra Camões I.P. “José Saramago” e a Cátedra “Agostinho Neto”. Sobre a obra de Eça de Queirós escreveu vários artigos e ensaios publicados em Itália, em Portugal e no Brasil e um volume onde se comparam as correspondências parisienses de Mário de Sá-



FUNDAÇÃO
EÇA DE QUEIROZ
TORMES · BAIÃO

Carneiro e Carlos Fradique Mendes (*O silêncio do dândi e a morte da esfinge*, Lisboa, IN-CM, 2007).